

Teorias alternativas do desemprego persistente*

Luiz Alberto Esteves**

Resumo

Este trabalho procura efetuar um levantamento e análise de vários modelos macroeconômicos desenvolvidos a partir da década de 80, passando pelas hipóteses novo-keynesianas de barganha salarial, conflito entre *insiders-outsiders* e *efficiency-wages*, no sentido de explicar o fenômeno do desemprego permanente (ou *hysteresis*). A segunda parte deste artigo é devotada à análise de trabalhos alternativos às proposições novo-keynesianas. Baseados em pesquisas empíricas e em um modelo macroeconômico comportamental (incorporando a noção de racionalidade processual de Simon), tais trabalhos sugerem que o fenômeno de *hysteresis* estaria associado aos efeitos psicológicos colaterais gerados pelo desemprego, tais como a perda de auto-estima dos trabalhadores, sua capacidade cognitiva e sua motivação na busca de nova colocação no mercado de trabalho.

Palavras-chave: desemprego persistente; mercado de trabalho; ciclo vicioso.

Abstract

This paper initially makes a survey and an analysis of diverse macroeconomic models developed since the 1980's, including the new-keynesian hypothesis of wage bargain, insiders-outsiders conflict and efficiency wages, in an effort to explain the phenomenon of permanent unemployment (or hysteresis). The second part of the article focuses on pieces of research that developed alternatives to those new-keynesian models. These papers, based on empirical work and using a behavioral macro model (based on Herbert Simon's concept of procedural rationality), suggest that the phenomenon of hysteresis may be related to the psychological side-effects created by unemployment, such as the workers' loss of self-esteem, of cognitive capacity and of motivation when searching new jobs in the labour market.

Key words: hysteresis, labour market, cumulative causation.

*Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada no "IV Encontro de Economistas de Língua Portuguesa", em Évora/Portugal (outubro/2001). O autor agradece os comentários e as sugestões do parecerista anônimo.

**Mestre em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Professor Assistente do Departamento de Economia da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

E-mail: esteves@sociais.ufpr.br

Introdução

O objeto de estudo deste trabalho repousa sobre as diversas tentativas teóricas de justificar a persistência do desemprego nas economias capitalistas. Nesse sentido, procurar-se-á mapear os desenvolvimentos teóricos efetuados a partir da década de 80 até os dias atuais.

Basicamente, o trabalho enfatizará duas vertentes da teoria econômica. Na primeira vertente a ser analisada, encontrar-se-á um breve resumo das principais hipóteses desenvolvidas por economistas de tradição ortodoxa, denominados novos-keynesianos. Esse grupo de economistas vem desenvolvendo trabalhos desde o início da década de 80 no sentido de justificar o fenômeno da persistência do desemprego, mediante a utilização de hipóteses como barganha coletiva, conflito entre *insiders* e *outsiders* e *efficiency-wages*.

Políticas econômicas no sentido de flexibilização dos mercados de trabalho podem ser inócuas na redução do desemprego

Na segunda vertente a ser analisada, encontrar-se-á uma proposta de trabalho alternativa ao novo-keynesianismo, desenvolvida desde o início da década de 90 por um incipiente grupo de economistas. Tal pesquisa teórica e empírica enfatiza as conseqüências psicológicas do desemprego sobre o bem-estar e a produtividade do trabalhador, demonstrando assim que políticas econômicas no sentido de flexibilização dos mercados de trabalho podem ser inócuas na redução do desemprego; e políticas macroeconômicas restritivas sobre o nível de atividade e emprego podem apresentar resultados indesejáveis no curto prazo (o que é

consensual) e também no longo prazo, uma vez que a produtividade do trabalho influenciaria a oferta (o que não é consensual, pois os economistas de tradição ortodoxa acreditam que políticas de expansão ou retração sobre a demanda agregada são inócuas no longo prazo).

A última parte deste trabalho será reservada para comentários adicionais e conclusões.

1 Interpretações novo-keynesianas para a persistência do desemprego

As interpretações sobre a origem do desemprego e das políticas econômicas (ou ausência de qualquer política) para a solução desse fenômeno são tão antigas quanto o próprio capitalismo. Porém, a questão relacionada à persistência do fenômeno do desemprego vem tomando espaço cada vez maior nas discussões relacionadas ao mercado de trabalho. Parte da literatura pertinente ao assunto pode ser encontrada com mais intensidade em trabalhos desenvolvidos a partir da década de 80. Várias foram as interpretações teóricas desenvolvidas a partir desse período para justificar o desemprego persistente.

A questão da persistência do desemprego intriga principalmente os economistas de tradição ortodoxa e tal preocupação pode ser justificada nos seguintes termos:

Uma das questões mais discutidas entre as recentes interpretações sobre o fenômeno do desemprego é a sua persistência, ou o fato de que não se observa uma tendência à queda do desemprego nem mesmo nos países onde ele cresceu menos. Para os economistas com forte influência da teoria do ciclo real (...), deveria haver uma tendência do sistema à taxa de desemprego natural. Afinal, segundo a tese das expectativas racionais, desvios em torno da taxa natural resultam de choques estocásticos somados a erros expectacionais ou precariedades na difusão de informações, e por isto temporários (AMADEO, 1994, p.195).

Nesse sentido, dentro da própria teoria econômica ortodoxa surge, a partir do início dos anos 80, um grupo de pesquisa envolvido no desenvolvimento de hipóteses que justifiquem a persistência do desemprego. Tal grupo é denominado “escola novo-keynesiana” e esta parte do trabalho será devotada à análise de suas hipóteses e justificativas.

1.1 Sindicatos e rigidez salarial

A análise da persistência do desemprego junto à escola novo-keynesiana pode ser dividida, conforme Greenwald e Stiglitz (1993), em dois tipos distintos de abordagem: um primeiro grupo justifica o desemprego persistente através da rigidez encontrada nas negociações salariais no mercado de trabalho; um segundo grupo considera que a flexibilização de preços e salários poderia exacerbar choques econômicos, logo procura análises alternativas à hipótese de rigidez salarial no mercado de trabalho.

A hipótese a ser analisada nesta seção estaria enquadrada na primeira linha de abordagem acima descrita, e sua definição pode ser resumidamente exposta nos seguintes termos:

Different strands of research within new keynesian economics have taken two broadly different approaches. The first argues that nominal price rigidities are the essential way in which market economies differ the Walrasian Arrow-Debreu model. Without such rigidities, the argument goes, flexible prices would allow the economy to adjust quickly to whatever shocks it experiences, maintaining all the while full employment and economy efficiency. Early work in this area focused on constructing general equilibrium models with price rigidities (GREENWALD e STIGLITZ, 1993, p.24).

O mecanismo pelo qual tal rigidez prevalece no mercado de trabalho e gera desemprego pode

ser observado em vários trabalhos¹, porém o argumento em linhas gerais pode ser sintetizado da seguinte maneira:

Esta primeira vertente é constituída de modelos baseados no comportamento maximizador dos trabalhadores organizados em sindicatos. A eles interessaria tanto o maior nível de salário como o maior nível de emprego possíveis. Porém, na medida em que, por motivos microeconômicos, o nível de emprego é uma variável que depende inversamente do salário real pago aos trabalhadores, passa a haver um *trade-off* entre salário real e nível de emprego. Esta consciência da inter-relação entre o nível de emprego e o nível de salário real, bem como a hipótese de que os sindicatos tenham poder de fixação do salário nominal, dado o nível de preços, pode gerar situações de desemprego. Sendo assim, a ação dos trabalhadores sindicalizados estaria na origem do desemprego (AMADEO, 1994, p.105).

A flexibilização dos mercados de trabalho surge como solução para a persistência do desemprego nesses tipos de modelos. Porém, tal proposição é contestada dentro de segmentos da própria escola novo-keynesiana e tais críticas envolvem as seguintes características:

(...) increased flexibility of wages and prices might exacerbate the economy's downturn. This insight implies that wage and price rigidity are not the only problem, and perhaps not even the central problem. (...) even if wages and prices were perfectly flexible, output and employment would be highly volatile. It sees the economy as amplifying the shocks that it experiences, and making their effects persist (GREENWALD e STIGLITZ, 1993, p.24)

A crítica acima também encontra apoio junto a autores da escola pós-keynesiana. Porém, a principal crítica a esse tipo de abordagem repousa sobre os instrumentos de política econômica

¹ Ver Solow e Stiglitz (1968), Barro e Grossman (1971) e Benassy (1982).

utilizados para a solução da persistência do desemprego. Como o diagnóstico do desemprego estaria sendo interpretado de forma errônea (segundo alguns autores novo-keynesianos e a absoluta maioria dos autores pós-keynesianos), as políticas de flexibilização do mercado de trabalho, redução do poder de barganha dos sindicatos, flexibilização da legislação trabalhista etc. seriam inúteis na solução do problema em questão. Tal crítica é exposta da seguinte maneira, segundo Sawyer (1994, p.7):

This idea put simply is that since a perfect market system is seen to involve a clearing labour market with full employment, then observed unemployment must be attributable to some features of the real world which are absent from the model. These imperfections can be lack of information, trade unions, misplaced government activity or whatever, which are not considered in the perfectly competitive model. It could be noted that the British Conservative government has spent the years since it was elected in 1979 removing what it saw as imperfections in the labour market (e.g., by reducing trade union power, abolishing minimum wage legislation). Yet in 1993 the level of unemployment approached three times its level in 1979.

Algumas das críticas acima relacionadas serviram de base para o aprimoramento no tratamento teórico dos mercados de trabalho e na explicação do desemprego persistente. Teorias alternativas do desemprego persistente surgiram até mesmo dentro da própria tradição ortodoxa, e o apelo para a elaboração de uma nova agenda de pesquisa foi requisitado por um dos autores mais representativos dessa literatura. Solow (1990) argumenta a necessidade de tratar o mercado de trabalho como uma instituição social e nesse sentido indica alguns avanços dentro da tradição ortodoxa:

Some economists have already proposed plausible models of the labor market that are capable of accounting in a logical way for the existence and persistence of true unemployment. The more interesting

of these, unsurprisingly, seem to be based on a somewhat more sophisticated view of the labor market as a social institution. They allow for a variety of motives and interactions that are conspicuously missing from the standard textbook model. The leading candidates these days are versions of what are called, in one case, efficiency-wage theory and, in the other, insider-outsider theory (SOLOW, 1990, p.31).

Este artigo se encarregará de expor a partir de agora exatamente essas duas teorias acima mencionadas, a saber: a hipótese *insider-outsider* e a hipótese de salários de eficiência, respectivamente.

1.2 O conflito entre *insiders* e *outsiders*

A hipótese do conflito entre *insiders* e *outsiders* repousa sobre o argumento de que as empresas incorreriam em custos ao tentar substituir os trabalhadores empregados (*insiders*) por trabalhadores desempregados (*outsiders*).² Esse custo de rotatividade da mão-de-obra estaria associado às seguintes causas:

The economist would say that the insiders generate a rent jointly with the rest of the apparatus of the firm. They are therefore in a position to bargain with the firm over the division of the rent. The rent may arise initially simply because the insiders are more productive in this firm than outsiders would be (SOLOW, 1990, p.34).

A questão do desemprego persistente surge da relação acima a partir do momento em que a

renda associada ao custo em fazer a rotação da força de trabalho seria apropriada pelos *insiders* durante o processo de negociação salarial com a firma, o que poderia gerar uma situação em que não só haveria desemprego, como também seria impossível que os *outsiders* conseguissem melhorar a sua situação através

² Para uma análise mais detalhada, ver Blanchard e Summers (1987 e 1988).

de uma pressão baixista sobre os salários da economia. Isto porque os *insiders* tornariam esse processo custoso para a firma e constrangedor para os *outsiders*. A existência do desemprego nesses modelos deve ser entendida como fruto do conflito de interesses entre *insiders* e *outsiders* (AMADEO, 1994, p.106).

A questão da permanência do desemprego seria reforçada ainda, segundo Blanchard e Summers (1987 e 1988), por fatores inerciais. Esses fatores inerciais no caso do conflito entre *insiders* e *outsiders* pode ser justificado pela participação dos sindicatos nas barganhas trabalhistas:

(...) a principal causa da persistência do desemprego é o fato de os sindicatos tenderem a representar os interesses dos trabalhadores empregados (*insiders*) e não dos desempregados (*outsiders*); bem como o fato de que os trabalhadores desempregados há mais tempo têm ainda menos influência sobre a atuação dos sindicatos que os empregados há menos tempo. Assim, há uma tendência a que o salário nominal negociado pelos sindicatos seja compatível com a manutenção do nível de emprego corrente (AMADEO, 1994, p.196).

Vejamos agora a hipótese de *efficiency-wage* e a partir daí analisaremos as críticas direcionadas a esses tipos de hipóteses.

1.3 *Efficiency-wages* e disciplina do trabalho

A hipótese de salários de eficiência repousa sobre a proposição de que maiores salários induzem as pessoas a trabalharem mais. Os salários de eficiência são pagos, uma vez que,

ao assinarem um contrato de trabalho, trabalhadores e empresários geralmente determinam o salário por hora, a jornada de trabalho total e as condições gerais de trabalho. A *intensidade* com a qual cada trabalhador se dedicará à produção não faz parte do contrato (AMADEO, 1994, p.126).

Logo, os salários de eficiência poderiam agir no sentido de maior extração de intensidade de trabalho.

Vários foram os trabalhos desenvolvidos com essa hipótese.³ Uma característica interessante nesses trabalhos é como o desemprego surge como conseqüência do pagamento de salários de eficiência e como tal desemprego garante um sistema “automático” de monitoramento do trabalho, ou seja, como o desemprego garante que trabalhadores despendam mais esforço nas horas de trabalho pactuadas em contrato. A hipótese de salários de eficiência pode ser exposta nos seguintes termos:

Under the conventional competitive paradigm, in which all workers receive the market wage and there is no unemployment, the worst that can happen to a worker who shirks on the job is that he is fired. Since he can immediately be rehired, however, he pays no penalty for his misdemeanor. With imperfect monitoring and full employment, therefore, workers will choose to shirk (SHAPIRO e STIGLITZ, 1984, p.433).

Segundo Bowles (1985), os trabalhadores tomariam suas decisões entre aplicação de esforço no trabalho ou “gazetear”, levando em consideração o custo pela perda do emprego. Tal custo poderia ser expresso da seguinte maneira:

$$\omega^{\wedge} = \omega - \left[(1-u) \omega^a + u \omega^u \right] \quad (1)$$

Onde: ω^{\wedge} é o custo de perder o emprego; ω é o salário real recebido; ω^a é o salário alternativo se, ao ser despedido, o trabalhador for empregado imediatamente; ω^u é o seguro desemprego e u é a taxa de desemprego da economia.

³Ver Shapiro e Stiglitz (1984), Yellen (1984) e Bowles (1985).

Como em equilíbrio, com trabalho homogêneo, deve haver uniformidade dos salários, ou seja $\omega = \omega^a$, temos:

$$\omega^a = \omega - \left[(1-u)\omega^a + u\omega^u \right] \quad (1)$$

Logo, o custo de perder o emprego em uma situação de equilíbrio com trabalho homogêneo seria uma função crescente da taxa de desemprego da economia. A taxa de desemprego da economia estaria garantida, segundo esses trabalhos, a partir do momento em que as firmas pagassem salários de eficiência, ou seja:

To induce its workers not to shirk, the firm attempts to pay more than the "going wage"; then, if a worker is caught shirking and is fired, he will pay a penalty. If it pays one firm to raise its wage however, it will pay all firms to raise their wages. When they all raise their wages, the incentive not to shirk again disappears. But as all firms raise their wages, their demand for labor decreases, and unemployment results. With unemployment, even if all firms pay the same wages, a worker has an incentive not to shirk. For, if he is fired, an individual will not immediately obtain another job. The equilibrium unemployment rate must be sufficiently large that it pays workers to work rather than to take the risk of being caught shirking (SHAPIRO e STIGLITZ, 1984, p.433).

A proposição de que os modelos de *efficiency-wages* incorporam elementos da teoria marxista é reconhecida entre vários autores. Segundo Amadeo (1994), "(...) há duas formas de extração de mais-valia sobre o trabalho. A mais-valia absoluta, determinada pelo total da jornada de trabalho e a mais-valia relativa, determinada pela intensidade em que o trabalho é executado". É na mais-valia relativa que se encontra a capacidade de extração de "trabalho da força de trabalho" e esta se dá de duas formas: o castigo e o incentivo. Tais elementos teóricos estão presentes nos modelos de *efficiency-wages*.

Segundo Bowles, três proposições assumem papel central na análise marxista da produção capitalista:

First, capitalists (owners of firms or their representatives) will generally select methods of production which forego improvements in productive efficiency in favor of maintaining their power over worker (...). Second, it will generally be in interest of capitalists to structure pay scales and the organization of production process to foster divisions among workers, even to the extent of treating differently workers who are identical from of their productive capacities (...). Third, involuntary unemployment is a permanent feature of capitalism central to the perpetuation of its institutional structure and growth process (BOWLES, 1985, p.17).

As proposições marxistas descritas acima, conforme Bowles (1985), são compartilhadas por Kalecki nos seguintes termos:

(...) sob um regime de permanente pleno emprego, a demissão de empregados deixaria de exercer sua função de medida disciplinar. A posição social deixaria de exercer sua função de medida disciplinar. A posição social do patrão estaria minada e cresceriam a autoconfiança e a consciência da classe trabalhadora (...). É verdade que os lucros seriam mais elevados em um regime de pleno emprego (...) mas os líderes empresariais apreciam mais a "disciplina nas fábricas" e a "estabilidade política" do que os lucros. Seu instinto de classe lhe diz que, de seu ponto de vista, um pleno emprego durável é insano, e que o desemprego é uma parte integrante do sistema capitalista normal (KALECKI, 1990, p. 56).

Dessa forma, alguns dos elementos da teoria marxista e kaleckiana estariam sendo incorporados pelos modelos de salários de eficiência.⁴

As hipóteses de conflito entre *insiders* e *outsiders* e *efficiency-wages* como fatores responsáveis pela persistência do desemprego encontram algumas críticas no sentido em que estas não sugerem uma resposta definitiva para o problema. Uma crítica quanto à consistência de tais modelos no longo prazo pode ser justificada nos seguintes termos:

⁴ Um estudo comparativo entre Kalecki e o novo-keynesianismo é desenvolvido por Mott (1989).

A more general criticism can be lodged against both of these explanations of unemployment hysteresis since they are grounded in information imperfections. Why are entrepreneurs unable to identify and implement human resource programs that eliminate the need to pay "efficiency" and "insider" wages indefinitely? For instance, alternative methods of worker selection, training, compensation, and labor management relations may prove to be cost-effective relative to the permanent payment of efficiency wages. Similarly, it may be optimal to adopt career employment arrangements that foster cooperative rather than competitive interworker or job class relations eliminating the insecurities leading to insider-outsider conflicts. If firms explore such alternatives, as expected, in a timely fashion, then efficiency wage and insider-outsider explanations of unemployment hysteresis should diminish in importance over time (DARITY e GOLDSMITH, 1993, p.56-57).

Segundo Solow (1990), tais hipóteses estariam incompletas, uma vez que estas não explicariam por que o trabalhador desempregado não se esforçaria ao ponto mínimo de oferecer seu trabalho a um salário menor que o praticado. A próxima seção deste trabalho será devotada a uma abordagem alternativa do desemprego persistente que incorpora as dificuldades associadas ao *turnover* dos trabalhadores desempregados no mercado de trabalho.

2 O modelo macroeconômico comportamental

O modelo macroeconômico comportamental é desenvolvido teoricamente (e testado empiricamente) a partir do início da década de 90 por um incipiente grupo de economistas, que buscam junto aos efeitos psicológicos do desemprego as respostas para a sua permanência, ou seja, associar as conseqüências psicológicas do desemprego ao fenômeno de *hysteresis*.

Tal modelo econômico surge como uma tentativa de incorporar variáveis comportamentais,

até então negligenciadas, em questões relativas ao debate macroeconômico sobre o emprego e o mercado de trabalho. Tal esforço é justificado nos seguintes termos:

Orthodox macroeconomics is largely independent of time. Cultural, social and institutional evolution is neglected. For instance, it is commonly asserted that an exogenous shock to the macroeconomy leading to unemployment can be offset by an appropriate policy stimulus that returns the economy to its original point. This description of events ignores the social psychological consequences of exposure to unemployment. These factors are likely to affect personal productivity, motivation, attitudes towards participation in the labor force and relations with acquaintances, spouses, offspring and friends. The emotional damage to a society's labor force that accompanies economic decline and unemployment makes it all the more important to devise a policy response (DARITY e GOLDSMITH, 1996, p.136-137).

Tais economistas levam em consideração em seu modelo (além do salário real) variáveis psicológicas como endógenas na solução de "equilíbrio" no mercado de trabalho. Quando tais variáveis são consideradas, a questão da não verificação de uma tendência do sistema em direção à taxa de desemprego natural fica evidente. Essa característica alternativa do modelo macroeconômico comportamental pode ser esclarecida nos seguintes termos:

The conventional position in modern macroeconomics is when labor markets clear, full employment prevails. But full employment is only unambiguously consistent with labor market clearing when the real wage is the only endogenous variable influencing labor supply and demand. If there are additional endogenous variables in either schedule, such as the psychological well-being of the work force, then the labor market can clear at numerous positions. It is possible for the labor market to clear at high levels of psychological well-being, motivation, productivity, and employment or to clear at low levels of psychological well-being, motivation, productivity, as employment. There is no single "natural" rate of unemployment in such a world, but it seems that the former labor market clearing state is preferable to the latter (DARITY, 1999, p.495).

A proposição central desse grupo de economistas repousa sobre o fato de que qualquer retração do nível de demanda agregada que possa gerar desemprego involuntário tende a manter e até mesmo propagar tal desemprego na economia mediante fatores psicológicos relacionados à auto-estima e bem-estar da força de trabalho. O desemprego involuntário gerado pela insuficiência de demanda geraria diretamente nos trabalhadores envolvidos uma perda de autocontrole que comprometeria sua capacidade cognitiva, gerando perda da motivação, intensidade e persistência na busca de uma nova colocação de trabalho. Tais observações são corroboradas em estudos empíricos:

Experiences perceived as uncontrollable impart individual with a sense of "helplessness" in studies conducted by Seligman and Maier (1967), and Seligman (1975). "Helpless" people believe that their current situation, and most likely their future status, is not something that can be dictated by their own actions. The helpless individual lacks a sense of personal efficacy and feels not in control of events. Seligman (1975) established that once a perception of helplessness is acquired it persists and tends to reduce the motivation to take actions that will alter the environment factors believed to be responsible for the feeling of helplessness (GOLDSMITH, VEUM e DARITY, 1994, p.21).

O fenômeno de *hysteresis* ou desemprego persistente surgiria, então, sob as seguintes condições:

If unemployment leads to helplessness, which in turn undermines the motivation to search for employment as well as the intensity and persistence of search, unemployment is likely to persist. To the extent that helplessness diminishes cognitive efficiency, the unemployed are likely to have a weaker performance in a job evaluation setting relative to those who have avoided feelings of helplessness, such as new entrants, reentrants, and those searching while still employed (DARITY e GOLDSMITH, 1993, p.60).

O processo de propagação e aceleração do desemprego nas condições acima mencionadas são ainda consideradas por estes autores:

Writing with Art Goldsmith, I advanced just such a causal theory of the empirical hysteresis phenomenon in a paper that leaped into obscurity [Darity and Goldsmith 1993]. We observed that since spells of unemployment and even under-employment produce learned helplessness, low self-esteem, and depression, those spells can lead to reduced intensity and persistence of search, reduced cognitive efficiency, and reduced motivation to acquire skills that might improve prospects for re-employment. Evidence suggests that signs of strain persist even after re-employment for those who do return to work. The key point is that a decline in employment can be product of joblessness, and if the decline in employment dominates the decline in the labor force participation rate (due to discouragement), the unemployment rate can rise further. The process simply feeds greedily upon itself (DARITY, 1999, p. 495).

Nesse sentido, tais trabalhos surgiriam como respostas alternativas às questões levantadas por Solow (1990) quanto às dificuldades associadas ao *turnover* no mercado de trabalho, por parte dos trabalhadores desempregados (excetuando-se as abordagens relacionadas aos custos incorridos do *turnover*, uma vez que, tais abordagens poderiam perder poder explicativo ao longo do tempo, conforme já mencionado).

2.1 *Hysteresis* e causalção circular (*Cumulative Causation*)

Imagina-se que as hipóteses do modelo macroeconômico comportamental, discutido na primeira parte desta seção, desenvolvem-se no sentido de incorporar duas proposições contrastantes aos modelos econômicos de tradição neoclássica.

Um primeiro ponto refere-se à questão da racionalidade: o modelo macroeconômico comportamental incorpora a noção de visão processual da racionalidade humana [segundo Simon (1986)] em detrimento da noção de visão substantiva de racionalidade, conforme sugerido pela abordagem microeconômica neoclássica.

Um segundo ponto, de maior interesse para as considerações a serem desenvolvidas neste trabalho, refere-se à questão de estabilidade e instabilidade de processos econômicos. Imagina-se que o modelo macroeconômico comportamental pode incorporar a noção de causalção circular [segundo Myrdal (1957)]. Causalção circular pode ser definida nos seguintes termos:

At the heart of cumulative causation is a notion of instability. A social process, in Myrdal's words, will not normally move towards "a position which in some sense can be described as a state of equilibrium between forces" since a change does not call forth countervailing changes but, instead, supporting changes, which move the system in the same direction as the first change but much further. Because of such circular causation a social process tends to become cumulative and often to gather speed at an accelerating rate (SKOTT, 1994, p.119).

O processo de causalção circular envolveria ainda, segundo Sandroni, outras características que podem ser expostas da seguinte maneira:

O conceito continha ainda duas vantagens adicionais: ao incorporar um conjunto de variáveis econômicas, culturais etc., estabelecia uma espécie de vacina contra as explicações dos processos baseadas em apenas uma causa. Por outro lado, pelo próprio caráter de sua dinâmica, contemplava o fator tempo, de tal forma que elementos tais como as expectativas e a memória (social) dos agentes poderiam ser levados em conta como uma força transformadora (SANDRONI, 1997, p.7).

Caso o modelo macroeconômico comportamental incorpore realmente a noção de causalção circular e suas proposições teóricas e constatações empíricas tenham validade, teríamos duas outras proposições a considerar: (a) a inconsistência metodológica na distinção entre o curto e o longo prazo macroeconômico; e (b) a inconsistência na política econômica de flexibilização de mercados de trabalho.

Para a análise da primeira proposição acima, faz-se necessária a definição de curto e longo prazos: nesses termos, o curto prazo é definido como o tempo não-histórico onde prevalecem as capacidades das políticas fiscais e monetárias alterarem os níveis efetivos de produto e emprego, podendo estes divergir do nível de produto potencial e da taxa natural de desemprego, respectivamente; o longo prazo é definido como o tempo não-histórico onde prevalece uma situação de equilíbrio no nível do produto potencial e da taxa natural de desemprego. Nesse caso, a taxa de crescimento do produto potencial seria influenciada por fatores relacionados à oferta (capital físico, capital humano, trabalho, tecnologia etc.), e políticas macroeconômicas de estímulo da demanda agregada não tomariam lugar; o mecanismo de ligação entre o curto e o longo prazo se dá mediante acomodação dos preços de mercado (curva de Phillips).

Uma vez definidas as noções de curto e longo prazos em questão, pode-se considerar que o desemprego gerado por políticas macroeconômicas de restrição da demanda agregada tenham conseqüências psicológicas adversas sobre a força de trabalho (conforme o modelo macroeconômico comportamental). Essas conseqüências psicológicas adversas, por sua vez, poderiam comprometer a produtividade dos trabalhadores nos seguintes termos:

The motivational decline can have a negative effect not only on future employment search, but also on subsequent job performance if the individual does return to work. Skills also can decline with disuse; thus, in language drawn from the Jacob Mincer/Columbia tradition of labor economics, we can describe prolonged joblessness as producing a depreciation in human capital (DARITY, 1999, p.495).⁵

⁵ Resultados empíricos em Goldsmith, Veum e Darity (1997b).

Como as conseqüências psicológicas do desemprego no “curto prazo” podem comprometer, conforme exposto acima, os condicionantes do crescimento de “longo prazo”, não faria sentido econômico estabelecer uma distinção entre os efeitos prevaletentes da política macroeconômica de curto prazo sobre o longo prazo; não faria sentido econômico imaginar que o sistema de preços poderia neutralizar os efeitos de políticas macroeconômicas restritivas no longo prazo; nem faria sentido econômico imaginar que a configuração de longo prazo (para qualquer definição que se dê para isto) possa repousar, única e exclusivamente, em uma situação de pleno emprego dos fatores.

Nesse sentido, podia-se imaginar que países que freqüentemente estivessem envolvidos em políticas macroeconômicas de restrição da demanda agregada (devido a políticas de estabilização monetária ou devido a restrições do equilíbrio do balanço de pagamentos) estariam sujeitos a observar maiores taxas de desemprego persistente e maiores taxas de depreciação de capital humano.

Quanto às políticas de flexibilização do mercado de trabalho, estas estariam associadas à quebra de rigidez, com as quais o sistema de preços ficaria impossibilitado de ajustar os mercados em uma situação de longo prazo com pleno emprego dos fatores de produção. A flexibilização do mercado de trabalho teria então o papel de reduzir o desemprego involuntário.

Considere-se novamente o exemplo de países que freqüentemente estivessem envolvidos em políticas macroeconômicas de restrição da demanda agregada e as conseqüências psicológicas do desemprego gerado no curto prazo pudessem comprometer os condicionantes do crescimento de longo prazo.

Nesses casos, a flexibilização dos preços e contratos no mercado de trabalho seriam os instrumentos mais ágeis e eficazes no sentido de conduzir uma economia em uma situação de

desemprego de curto prazo para uma situação de desemprego de longo prazo. Mas tais políticas poderiam apresentar resultados inócuos quanto à solução do problema do desemprego e a sua persistência.

Conclusão

Este trabalho procurou efetuar um levantamento e uma análise crítica de vários modelos macroeconômicos desenvolvidos a partir da década de oitenta, passando pelas hipóteses novo-keynesianas de barganha salarial, conflito entre *insiders-outsiders* e *efficiency-wages*, no sentido de explicar o fenômeno do desemprego permanente (ou *hysteresis*).

Algumas questões sobre a relevância e a validade de tais hipóteses são discutidas, levando-se em conta alguns pontos em comum desta abordagem com demais análises de cunho não-ortodoxo e, por outro lado, algumas contestações quanto à validade de tais hipóteses desenvolvidas até mesmo por autores da tradição keynesiana ortodoxa.

A segunda parte deste artigo foi devotada à análise de trabalhos alternativos às proposições novo-keynesianas para a explicação de *hysteresis*. Esses trabalhos começam a ser desenvolvidos a partir do início da década de 90 e sua análise de explicação de *hysteresis* repousa sobre os efeitos psicológicos adversos gerados pelo desemprego na força de trabalho.

Baseados em pesquisas empíricas e em um modelo macroeconômico comportamental (incorporando a noção de racionalidade processual de Simon), tais trabalhos sugerem que o fenômeno de *hysteresis* estaria associado aos efeitos psicológicos colaterais gerados pelo desemprego, tais como a perda de auto-estima dos trabalhadores, sua capacidade cognitiva e sua motivação na busca de nova colocação no mercado de trabalho.

Como os efeitos psicológicos colaterais gerados pelo desemprego poderiam persistir até mesmo em uma nova colocação dos trabalhadores desempregados no mercado de trabalho, as conseqüências adversas do desemprego influenciariam tanto os fatores relacionados à demanda agregada como à oferta agregada. Nesse sentido, tal tipo de análise candidata-se como de grande valia para abordagens sobre desenvolvimento econômico que envolvam processos cumulativos e causalção circular no sentido de explicar desigualdades de taxas de crescimento econômico entre países, distribuição da renda e discriminação de salários.

Referências

- AMADEO, Edward; ESTEVÃO, Marcelo. **A teoria econômica do desemprego**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- BARRO, R.J.; GROSSMAN, H.I. A general disequilibrium model of income and employment. **American Economic Review**, Nashville, Tenn., n.61, p.82-93, 1971.
- BENASSY, Jean-Pascal. **The economics of market disequilibrium**. Nova Iorque: Academic Press, 1982.
- BLANCHARD, O; SUMMERS, L. Hysteresis in unemployment. **European Economic Review**, Amsterdam, NL, n. 31, p.543-566, 1987.
- BLANCHARD, O; SUMMERS, L. Beyond the natural rate hypothesis. **American Economic Review**, Nashville Tenn., v. 78, n.2, p.182-187, May 1988.
- BOWLES, Samuel. The production process in a competitive economy: walrasian, neo-Hobbesian, and marxian models. **American Economic Review**, Nashville Tenn., v. 75, n. 1, p.17-36, March 1985.
- DARITY, Willian; GOLDSMITH, Arthur. Unemployment, social psychology, and unemployment hysteresis. **Journal of Post Keynesian Economics**, Armonk, Ny, v.16, n. 1, p.55-71, Fall 1993.
- DARITY, Willian; GOLDSMITH, Arthur. Social psychology, unemployment and macroeconomics. **Journal of Economic Perspectives**, Nashville, Tenn., v.10, n.1, p.121-140, Winter 1996.
- DARITY, Willian. Who loses from unemployment. **Journal of Economic Issues**, Reno, NV, v. 33, n. 2, p.491-496, June, 1999.
- GOLDSMITH, Arthur; VEUM, Jonathan; DARITY, William. The impact of unemployment of personal efficacy: do gender and race differences exist? In: DAVIDSON Paul; KREGEL J. **Employment, growth and finance: economic reality and economic growth**. Brookfield, Vt., USA: Aldershot E. Elgar, 1994.
- GOLDSMITH, Arthur; VEUM, Jonathan; DARITY, William. The psychological impact of unemployment and joblessness. **Journal of Socio-Economics**, Macomb, IL, v. 25, n. 3, p.333-359, 1996.
- GOLDSMITH, Arthur; VEUM, Jonathan; DARITY, William. Unemployment, joblessness, psychological well-being and self-esteem: theory and evidence. **Journal of Socio-Economics**, Macomb, IL, v.26, n. 2, p.133-159, 1997a.
- GOLDSMITH, Arthur; VEUM, Jonathan; DARITY, William. The impact of psychological and human capital on wages. **Economic Inquiry**, Los Angeles, Calif., v. 35, n. 4, p.815-830, 1997b.
- GREENWALD, Bruce; STIGLITZ, Joseph. New and old keynesians. **Journal of Economic Perspectives**, Nashville, Tenn., v.7, n. 1, p.23-45, Winter 1993.

- KALECKI, Michal. Os aspectos econômicos do pleno emprego. In: CRESCIMENTO e ciclo das economias capitalistas. São Paulo: Hucitec, 1990.
- MOTT, Tracy. Kaleckianism vs. "new" keynesianism. **The Jerome Levy Economics Institute of Bard College**, Working Paper, n. 25, 1989.
- MYRDAL, Gunnar. **Economic theory and underdeveloped regions**. Londres: Duckworth, 1957.
- SANDRONI, Paulo. Apresentação. In: MYRDAL, Gunnar. **Aspectos políticos da teoria econômica**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.
- SAWYER, Malcolm. The intellectual and institutional requirements for full employment. In: DAVIDSON Paul; KREGEL J. **Employment, growth and finance: economic reality and economic growth**. Brookfield, Vt., USA: Aldershot E. Elgar, 1994.
- SHAPIRO, Carl; STIGLITZ, Joseph. Equilibrium unemployment as a worker discipline device. **American Economic Review**, Nashville, Tenn., v. 74, n.3, p.433-444, June 1984.
- SIMON, Herbert. Rationality in psychology and economics. **Journal of Business**, Chicago, Ill., v. 59, p. 209-224, October 1986.
- SKOTT, Peter. **Cumulative Causation**. In: HODGSON Geoffrey; SAMUELS Warren. **Institutional and evolutionary economics**. Brookfield, Vt., USA: Aldershot E. Elgar, 1984.
- SOLOW, Robert; STIGLITZ, Joseph. Output, employment and wages in the short run. **Quarterly Journal of Economics**, Cambridge, MA., vol. XXXII, p.537-560, Nov. 1968.
- SOLOW, Robert. **The labor market as a social institution**. Cambridge, MA: Basil Blackwell, 1990.
- YELLEN, Janet. Efficiency wage models of unemployment. **American Economic Review**, Nashville, Tenn., v.74, n. 2, p.200-205, May 1984.